

VER ANTÍGONE¹ EM (QUASE) TODA MULHER: RUTH KLÜGER E EMMA ZUNZ²

Flavia Trocoli

Para Jorge Luiz, meu pai

*Antígone morre sem deixar descendentes,
exceto a voz contrária que continua a ressoar.*

Trajano Vieira

Ruth Klüger, aquela que escapou à catástrofe, é quem afirmará que “guiar pais cegos pelo deserto só é dado à filha de reis.” O dizer dessa mulher que, mesmo não podendo re-
zar o *kadish*, pôde realizar um trabalho de luto, também pelo pai e pelo irmão mortos pelos nazistas, me conduz ao cerne da proposta deste breve ensaio que, partindo de ao menos uma mulher que escapou de um puro desejo de morte, se ocupará de duas mulheres que não escaparam à catástrofe, são elas: Antígone de Sófocles e Emma Zunz de Jorge Luis

Borges. A primeira, heroína trágica, encontra a morte ao se posicionar contra o Bem da pólis, obstinada em direção ao encontro incestuoso com Polinices; a segunda, personagem borgiana inspirada em um caso verídico, operária, oferece seu corpo virgem em sacrifício para vingar (se) o pai e do pai, lugar da interseção entre prostituição, estupro, incesto e assassinato. Duas mulheres inflexíveis na escolha de levar até o fim um desejo de ultrapassamento, tão solitário quanto mortífero.

I. A ANTÍGONE DE LACAN E A VOZ CONTRÁRIA DE RUTH KLÜGER

Consta que há *Antígonas*⁴ e este tópico ocupa-se da Antígone de Lacan tal como delineada no seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960). É notável o fato de que, neste seminário, Lacan recorra tanto à literatura: para o mal, Sade; para a sublimação, o amor cortês; para o desejo puro, a tragédia de Antígone. Se a literatura é o inconsciente em ato, tanto o inconsciente quanto o ato são nomes para o desacordo, a disjunção, o não-idêntico, o não-ser. Isso que é a essência da tragédia. E da literatura. A lição em torno da função do belo, em que a questão-Antígone é introduzida, é ela própria uma lição liminar, ela encerra as lições agrupadas em torno dos paradoxos do gozo e, ao mesmo tempo, pre-

Terceira Margem (online) – ANO XVII N. 27 /JAN.-JUL. 2013

Ver Antígone em (quase) toda mulher..., F. TROCOLI | p. 194-212

para a entrada para as lições em torno da essência da tragédia, isto é, o comentário sobre Antígone propriamente dito. Destacar sua posição nesta estrutura já é enfatizar o campo semântico em que Lacan situa a questão: fronteira, limite, barreira, transposição.

Sabe-se que esse é o campo pelo qual transita a exposição de Freud sobre o mal-estar, afinal trata-se de pensar tanto nos limites impostos pelos ideais civilizatórios à vida instintual, à sexualidade e à agressão, quanto nos limites impostos à ideia de felicidade plena pela natureza, pelo corpo, pelo outro.⁵ Freud começa o texto de 1930 colocando em questão os limites do Eu. Trata-se, sim, de pensar o que Lacan faz com essa questão do limite e, por conseguinte, de sua transgressão. Ou ainda: trata-se da experiência de ler contigualmente as lições sobre Antígone e *O mal-estar na civilização*, e repensar o retorno de Lacan a Freud em seu passo além concernente à pulsão de morte e ao desejo.

A lição sobre a função do Belo está nesse limiar, ultrapassá-lo é adentrar na dimensão trágica, portanto, de encruzilhada, de escolha radical e de transposição de limite. Dimensão que Lacan quer trazer para o primeiro plano para pensar uma análise e o fim de uma análise. Em outras palavras, daí apreende-se uma primeira pergunta: quais os problemas colocados pelo paradoxo do gozo que compõem um limite que a bela imagem de Antígone ultrapassa?

Na lição em torno da pulsão de morte Lacan afirma que

o Belo está mais próximo do mal do que do bem. Assim, a reflexão sobre o Belo não é feita sem a discussão de sua relação com o Bem, para em seguida, pensar sua relação com o desejo de Antígone, e com a pulsão de morte, para que então, enfim, pudesse se dizer algo sobre o fim de análise e o desejo do analista. Lacan situa o bem como discurso da comunidade, do bem geral. Esta é a fantasia de Creonte para exercer a lei que tanto impede o sepultamento de Polínicês, quanto provoca o sepultamento de Antígone viva. Antígone ultrapassa a função do bem geral que regula a vida na pólis. E, segundo George Steiner, a fonte originária do dramático reside na própria linguagem e que “não é concebível qualquer unificação semelhante entre os mundos do discurso de Creonte e Antígona.” (Steiner 2008, pp.260-261)

Trajano Vieira, em sua tradução e introdução à peça de Sófocles, destaca o isolamento discursivo de cada personagem, assim, seria possível articular estilisticamente, a barreira do bem e seu ultrapassamento como fatos linguísticos, o dito acima de Steiner, quando se refere ao masculino e feminino, ao dito de Lacan, segundo o qual o belo está mais perto do mal do que do bem. “A questão do bem atém-se ao princípio do prazer e ao princípio de realidade.” (Lacan 1997, p.274) Outra volta do parafuso: do bem pode-se derivar o mal, “pois é claro que essa função do bem engendra uma dialética. Quero dizer que o poder de privar os outros de seus bens, eis uma laço fortíssimo de onde vai surgir o outro como tal. (Lacan 1997, p.279) Portanto, em sua dialética o

bem se abre para o campo do gozo. Em seu *Lautréamont et Sade*, publicado inicialmente em 1949, Maurice Blanchot afirma que o centro do mundo sádico é a exigência da soberania que se afirma através de uma absoluta negação. O homem sadiano se impõe pelo poder de destruir o outro. Pelo ato de destruição, ele reduz Deus e o mundo à nada. (Cf.: Blanchot 1963, p.243)

Considerando que Freud dedica uma parte de *O mal-estar na civilização* ao sadismo e ao masoquismo, é possível pensar na diferença entre o gozo sádico destruidor e o gozo trágico implicado no puro desejo de morte de Antígone. No sadismo, haveria a sobreposição de um gozo imaginário, em que se afirma a onipotência do eu em dispor do próximo como objeto de seu gozo. No gozo trágico, haveria um gozo real, mas advindo da determinação do significante, da herança incontornável dos Labdácias: Polinices é meu irmão, e o que é é. É o irmão e mais nada, Antígone é filha e mais nada, não será mulher, nem mãe.

É fundamental dizer que no limite do bem, a tragédia é impensável: “O desejo do homem de boa vontade é de fazer bem, de fazer o bem, e aquele que vem ao encontro de vocês é para encontrar-se bem, para se encontrar em concordância consigo mesmo, para ser idêntico a alguma norma.” (Lacan 1997, p. 288). É essa barreira transposta por todo herói trágico que, por excelência, não coincide consigo mesmo, é sempre ambíguo. A tradução de Trajano Vieira permite ler

essa ambiguidade na formulação poética. Trágica, Antígone faz uma escolha que nenhum bem motiva. Creonte, chefe que conduz a comunidade, está aí para visar o bem de todos. Antígona encarna um bem que não é o de todos. Está “na-finda-linha”. (Cf. Lacan 1997, p.330)

Desejo tornado visível: morte em vida, eis a imagem limite em torno da qual gira a peça. Intransponível, pois, para além do drama histórico que estaria em concordância com a lei da comunidade, ou seja, o que conta é o ser de Polínicês: “Ah! Irmão, vítima de núpcias adversas,/ com tua morte me tiraste a vida.” (Vieira 2009, p.73) Lacan bordeja esta imagem dizendo de uma iluminação violenta, o clarão da beleza. Beleza: cegamento essencial. Ilustração da pulsão de morte. No limite da destruição absoluta, o belo se mantém como barreira que interdita o desejo puro como desejo de morte. Lacan já dissera que a beleza é como a última barreira que interdita um horror fundamental. É só através dela que o desejo se faz visível e ao mesmo tempo ela, a beleza, barra a destruição absoluta.

O gozo do trágico: Antígona, Lacan e o desejo do analista é uma advertência, nele, Patrick Guyomard lê o Seminário sobre *A ética da psicanálise* no só-depois do Seminário sobre *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, quando já se pode discernir entre o puro desejo de morte de Antígona do desejo separador do analista. Advertida por Guyomard, retorno à questão do desejo puro como um puro desejo de

morte para situar a diferença entre a posição de Ruth Klüger e a de Antígone. Guyomard aponta os riscos de fazer coincidir o desejo puro com um sacrifício a um destino e a uma maldição da linhagem (ao contrário, a análise “historiciza o peso repetitivo de um destino”, nas palavras de Guyomard) e distinguir, assim, o desejo puro do desejo do fim de análise e do psicanalista. Destaco alguns fragmentos do Posfácio de Guyomard:

Por que chegou ele a uma posição que o fez dizer que é justamente pelo fato de o desejo de Antígona ser o desejo de morte que o desejo do analista não pode ser esse desejo? O desejo do analista é um desejo separador. É um desejo de diferença, [...]. Na tragédia de Sófocles, Antígona levanta a questão da sepultura, mas, através dela, levanta e instaura a questão da simbolização: Que é simbolizar? [...] Há outras maneiras de levantar a questão da simbolização além da sustentada por Antígona. Há outras maneiras de enterrar. Antígona pratica o rito sozinha, sem nenhum terceiro, embora, para os gregos, as mulheres não pudessem celebrar os ritos fúnebres. A tragédia de Antígona é uma tragédia da sepultura e da simbolização. [...] que é uma sepultura? Como separar o morto do vivo, o presente do passado? Como engatar o tempo histórico a partir do tempo do destino? (GUYOMARD, [1992] 1996, pp.99-100)

Como já o disse em outro lugar, é com sua vida que Antígone paga a sepultura de Polinices. Solitária e traída, Antígone “pratica o rito sozinha, sem nenhum terceiro”. Ruth

não. Neste ponto, é impossível não lembrar que o título no original é *Weiter Leben. Eine Jugend*⁶. Isto seria justamente: *Continuar a viver. Uma juventude*. Interpretaria o título original não como um a priori, a partir do qual se escreveria. Não. Ele é justamente um resto, tal como um “amor improvável”, da operação de simbolização, da escrita do livro.

Não esqueçamos que o livro pode ser pensado como resposta à interpelação dos fantasmas, cadáveres sem sepultura, o pai e o irmão: “Fala”. Em sua etimologia latina, nos deixa saber o Dicionário Houaiss, interpelar é “interromper, atrapalhar, importunar”. Na primeira página de sua autobiografia, Ruth Klüger se define como “Alguém que se põe em fuga não no instante em que fareja o perigo, mas quando começa a ficar nervosa. Pois a fuga era a melhor coisa, antes e ainda agora. Mais sobre isso daqui a pouco.” Na página final, lê-se: “Agora eles podem me deixar em paz e me poupar de seguir mudando de casa.” Em outras palavras, a interpelação do fantasma — “Fala” - interrompia o curso da vida, importunando, congelava a identificação com alguém que mudava, que fugia. Ao final, escrito o livro, Ruth é aquela que pode permanecer e o endereço novo é aquele para envio: Göttingen, Alemanha.

2. EMMA ZUNZ⁷, SACRIFÍCIO COMO VINGANÇA

No princípio, estava a carta, nela, Emma Zunz lê que o “o senhor Maier ingerira por engano um forte dose de Veronal e falecera no dia 3 do corrente no hospital de Bagé.” (Borges 2008, p.53). O que o remetente não sabia era que a destinatária era a “filha do morto.” À notícia segue-se, necessariamente nesta ordem, um mal-estar no estômago e nos joelhos, uma culpa cega, irrealidade, frio, medo, vontade de estar no dia seguinte, mas logo compreende que esta é uma vontade inútil, “porque a morte de seu pai era a única coisa que tinha acontecido no mundo e continuaria acontecendo infundavelmente.”⁸ E, assim, veremos no conto de Jorge Luis Borges, que guiar pais mortos pelo inferno não é dado apenas a filhas de reis.

Na escuridão, Emma chorou o “suicídio de Manuel Maier, que nos velhos dias felizes foi Emmanuel Zunz.” E entre as recordações lhe vêm, sem que isso jamais tivesse sido esquecido, as cartas anônimas sobre o “desfalque no caixa” e o juramento do pai em sua última noite de que o ladrão era Aaron Loewenthal, este que não sabia que ela sabia e, diz o narrador, que deste fato ínfimo Emma retirava “um sentimento de poder.” E, no intervalo de uma noite insone, Emma tem um plano perfeito. Antes do relato da execução, é preciso que o narrador diga:

Terceira Margem (online) – ANO XVII N. 27 /JAN.-JUL. 2013

Ver Antígone em (quase) toda mulher..., F. TROCOLI | p. 194-212

Relatar com alguma fidelidade os fatos daquela tarde seria difícil e talvez impropriedade. Um dos atributos do inferno é a irrealidade, um atributo que parece mitigar seus terrores e talvez os agrave. [...] como recuperar aquele breve caos que hoje a memória de Emma Zunz repudia e confunde? (Borges, 2008, p.55)

A escrita de Borges o recupera como um poema, é difícil comentá-la porque sua economia é perfeita, nada sobra, nada falta, parafraseá-lo é perdê-lo em sua dimensão de enigma, e também porque: “Os fatos graves estão fora do tempo, seja porque neles o passado fica truncado do futuro, seja porque as partes que o formam não parecem consecutivas.” (Borges, 2008, p.56) Isso é dito justamente no momento seguinte à descrição da execução da primeira parte do plano, quando Emma segue para uma zona de prostituição e entrega seu corpo virgem a um marinheiro que não desperta nela nenhuma ternura, para que o horror não fosse atenuado. E, de fato, as partes não são consecutivas, elas se confundem, se sobrepõem, a cena com o marinheiro remete à Outra, sob a forma de um impossível de escapar, o narrador diz em primeira pessoa:

Tenho para mim que pensou uma vez e que naquele momento seu desesperado propósito correu perigo. Pensou (não pôde não pensar) que seu pai fizera com sua mãe a coisa horrível que agora lhe faziam. (Borges, 2008, p.56)

Ponto de vertigem em que uma cena manifesta cruza com uma cena latente, como o quer a provocativa tese sobre o conto de Ricardo Piglia.⁹ Aaron Loewenthal, o criminoso, algoz e vítima, condensa a figura do pai, Emmanuel Zunz, Emma Zunz ocupa o lugar da mãe, ela Emma, “vítima voluntária”, quando vinga seu pai e vinga-se de seu pai, ultrajada e assassina, sujeito e paciente da ação, delinea-se assim sua ambivalência trágica.

Executada a primeira parte de seu plano, Emma Zunz dirige-se à fábrica onde também mora Loewenthal, a caminho, ela repete agitada a sentença que Loewenthal deveria ouvir com o revólver apontado para ele, “forçando o miserável a confessar a miserável culpa e expondo o intrépido estratagema que permitiria à justiça de Deus triunfar sobre a justiça humana.” (Borges 2008, p.58) E a execução do plano não acontece conforme o planejado. Diante de Loewenthal, a própria causa para o crime — vingar o pai — é colocada em xeque pela urgência que Emma sente de castigar Loewenthal pela desonra sofrida. Três cenas se sobrepõem neste momento: a da prostituição com o marinheiro sueco, a do pensamento que o pai fizera com a mãe o mesmo que o marinheiro fazia com ela agora, e a da vingança simulada como legítima defesa do estupro por Loewenthal. Antes de dizer o motivo do crime a Loewenthal — qual era afinal? — Emma aperta o gatilho e só depois dos disparos:

“Emma deu início à acusação que tinha preparado (‘Vinguei meu pai e não poderão me castigar...’), mas não a acabou, porque o senhor Loewenthal já havia morrido. Nunca soube se ele chegou a compreender. [...] Depois pegou o telefone e repetiu o que repetiria tantas vezes, com estas e outras palavras: ‘Ocorreu uma coisa incrível... O senhor Loewenthal me fez vir a pretexto da greve... Abusou de mim, e o matei...’

Com efeito, a história era incrível, mas se impôs a todos, porque substancialmente era verdade. Verdadeiro era o tom de Emma Zunz, verdadeiro o pudor, verdadeiro o ódio. Verdadeiro era também o ultraje que sofrera; só eram falsas as circunstâncias, a hora e um ou dois nomes próprios.” (Borges, 2008, p.59)

Neste desfecho, o narrador borgiano, diferentemente dos seus procedimentos usuais de indeterminação, coloca o leitor diante de uma separação entre o verdadeiro e o falso. Verdadeiro é o ultraje, aquilo que é falso, as circunstâncias, a hora e os nomes próprios, remete-nos às cenas sobrepostas em que Loewenthal condensaria o nome do marinheiro sueco e o nome do pai, em que a cena do estupro que não aconteceu condensaria a prostituição com o marinheiro sueco e a relação sexual entre o pai e a mãe. Se o conto moderno produz esse jogo de sobreposições e de indeterminações, ao mesmo tempo garante a determinação do sacrifício, da vingança e da verdade incontestáveis e relacionados à figura de Emma Zunz, vítima voluntária e portadora de um desejo mortífero.

3. ANTÍGONE, E DEPOIS EMMA ZUNZ

Se, do lado do narrador, a fidelidade ao relato do fato é “improcedente”, do lado da heroína, o desejo de vingança e o seu motivo é da ordem daquilo que não se pode não pensar, “porque a morte de seu pai era a única coisa que tinha acontecido no mundo e continuaria acontecendo infundavelmente.” E ela, Emma Zunz, como Antígone, continuaria sendo a filha ultrajada em toda e qualquer cena. Em sua Introdução à bela tradução que fez da tragédia sofocliana, *Antígone*, Trajano Vieira afirma que foi ao reler a peça e uma vez feita uma primeira introdução que se deteve nos versos 810-816 como detentores de uma importante chave de leitura para a peça. A interpretação se deslocaria de um conflito entre o público e o privado para a impossibilidade de transpor a lógica afetiva incestuosa. Desataca-se aí a sua indiferença pelo noivo Hemon com quem poderia ter fundado uma nova linhagem. A língua grega permite ao tradutor passar de “me casarei com o Aqueronte” para “me casarei no Aqueronte”, com meu irmão Polinices, cito a tradução de Trajano Vieira:

Hades, leito pan-nupcial,
Conduz-me viva

Às fímbrias do Aqueronte,
sem núpcias,
sem hino,
noiva no Aqueronte. (Vieira 2009, p.21)

Tanto na tragédia grega, quanto no conto moderno, ainda que por diferentes razões, os laços de sangue tornam-se hiperbólicos. (Cf. Steiner 2008, p.233) O laço de sangue torna-se destino, faz-se aí uma unidade entre o sangue e o sacrifício. Em uma cena, Emma está soldada à morte do pai, em outra ao lugar da mãe no ato sexual. O ódio e o ato de Emma condensam, assim, honra e desonra. Dessa fusão na dualidade, em Antígone, e da qual traço um paralelo para Emma Zunz afirma George Steiner: “Esta fusão na dualidade, concisamente representada na sintaxe de Antígona, perpetua, entre a monstruosidade e o êxtase, os indizíveis elementos que fazem a coesão das relações de parentesco na Casa de Laio.” (Steiner 2008, p. 235)

Com Ruth Klüger e Patrick Guyomard, pude delinear uma outra via, também estabelecida no trajeto de Lacan, para pensar o desejo do analista, não mais como um puro desejo, um desejo de morte, tal delineado no seminário sobre *A ética da psicanálise*, mas como um desejo separador, um desejo, porque não dizê-lo, que comporta um luto. Ao contrário disso, se Antígona cumpre os ritos fúnebres de Polínicos pagando com a própria vida, se Emma Zunz sacrifica seu corpo virginal e mata Loewenthal para vingar o pai e

vingar a mãe, vingando-se do pai, o que se lê é uma impossibilidade de alçar outra posição que não a aquela de filha - a chaga mais vulnerável que exige um ato de ultrapassamento e de morte:

Coro:

Tombaste
em teu avanço ao extremo da audácia
contra o altar alterneiro de *Dike*.
Pagas por crime paterno.

Antígone:

Tocas em minha chaga mais vulnerável,
no tríplice infortúnio de meu pai,
no revés tentacular dos ínclitos Labdácidas. (Vieira 2009, p.73)

Neste ponto, terão sido diferentes as circunstâncias, a hora, um ou dois nomes de família, mas de Antígone terá ressoado em Emma Zunz a extrema audácia de se fazer instrumento de justiça divina contra a justiça humana, de tomar para si o infortúnio e o revés de Emmanuel Zunz, e/ou de sua mãe, de ultrapassar todo bem, sem se deter diante do campo da destruição.¹⁰ Segue obstinada “a um extremo, que a solidão definida em relação ao próximo está longe de esgotar.” (Lacan 1997, p.330)

NOTAS

1 Mantereí a grafia do nome tal como estabelecida na tradução de Trajano Vieira.

2 Este título é uma homenagem ao belo livro de Barbara Cassin intitulado *Voir Hélène en toute femme. D'Homère à Lacan*.

3 O livro de Ruth Klüger, *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, foi trabalhado mais amplamente em meu ensaio intitulado: Entre quedas e buracos: a contingência, o não-todo e o não-idêntico na escrita de Ruth Klüger.

4 Refiro-me à obra de referência de George Steiner intitulada *Antígonas*.

5 Impossível não pensar no mal-estar segundo George Steiner: “Penso que só a um texto literário foi dado exprimir todas as principais constantes do conflito próprio da condição humana. São cinco essas constantes: o conflito entre os homens e as mulheres; entre os jovens e os velhos; entre os homens e (os) Deus (ES). Os conflitos suscitados por estes cinco planos não são negociáveis.” (Steiner 2008, p. 257)

6 Agradeço a Fabio Akcelrud Durão e a Frederico Figueiredo os esclarecimentos concernentes ao alemão que vieram acompanhados de importantes observações teóricas.

7 O conto pertence ao volume intitulado *O Aleph*, publicado pela primeira vez em 1949, e considerado o ponto mais alto da ficção borgiana.

8 Sobre isso a interessante leitura de Beatriz Sarlo que destaca o lugar de intérprete *em excesso* ocupado por Emma: “Ela transformará sua leitura dos fatos numa performance vingadora, movida por um sentimento cego.” (Sarlo 2005, p.119)

9 E mais adiante: “Como numa metáfora, como num sonho, Emma condensa as ações e os autores.” (Idem, p.121)

10 Neste ponto, minha leitura distingue-se da de Beatriz Sarlo que, comparando Emma a Electra, retira da ação da primeira a ressonância trágica que propomos aqui. (Cf. Sarlo 2005, p.123)

REFERÊNCIAS:

BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris, Éditions de Minuit, 1963.

BORGES, Jorge Luis. “Emma Zunz”. *Cuentos*. Buenos Aires: Ediciones Biblioteca Nacional, 2009.

“Emma Zunz”. *O Aleph*. Tradução: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas Volume 18*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUYOMARD, Patrick. *O gozo do trágico: Antígona, Lacan e o desejo do analista*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KLÜGER, Ruth. *Weiter Leben. Eine Jugend*. Göttingen: Wallstein Verlag, 1992.

_____. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Tradução: Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise 1959-1960*. Texto estabelecido por Jacques-Alain-Miller. Versão brasileira: Antonio Quiñet. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEINER, George. *Antígonas: a persistência da lenda de Antígona na literatura, arte e pensamento ocidentais*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

TROCOLI, Flavia. Entre quedas e buracos: a contingência, o não-todo e o não-idêntico na escrita de Ruth Klüger. In: *Trivium*:

Terceira Margem (online) – ANO XVII N. 27 /JAN.-JUL. 2013

Ver Antígona em (quase) toda mulher..., F. TROCOLI | p. 194-212

estudos interdisciplinas — ciência, tecnologia, religião. Ano II, edição II, 2010.

SARLO, Beatriz. Vingança e conhecimento. In: *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

VIEIRA, Trajano. *Antígone de Sófocles*. Tradução e Introdução: Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura das ressonâncias da tragédia *Antígone*, de Sófocles, tal como interpretada por Jacques Lacan, no relato autobiográfico de Ruth Klüger e na ação da personagem Emma Zunz, do conto homônimo de Jorge Luis Borges. Destaco e analiso, primeiro, a diferença entre um desejo de morte da personagem sofocliana e um luto efetuado pela sobrevivente da *Shoah* e, em seguida, a homologia entre Antígone e Emma Zunz em relação a um desejo mortífero e a uma impossibilidade de luto, isto é, de separação dos mortos.

Palavras-chave: Antígone; Jorge Luis Borges; Ruth Klüger; literatura e psicanálise.

Resumé: Cet essai propose une lecture des résonances de la tragédie d'Antigone, de Sophocle, tel qu'elle est interprétée par Jacques Lacan, dans le récit autobiographique de Ruth Klüger et dans l'action de Emma Zunz, personnage de la nouvelle homonyme de Jorge Luis Borges. La différence entre un désir de mort de Antigone et le deuil accompli de Klüger sera ici analyser, ainsi que l'homologie entre Antigone et Emma Zunz en ce qui concerne leur désir mortel et leur impossibilité de faire le deuil.

Mots-clés: Antigone, Jorge Luis Borges, Ruth Klüger, littérature et psychanalyse.